



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

DE VILÃ À HEROÍNA: CONTEXTUALIZANDO O ESTUDO DE GÊNERO COM A MÚSICA “GENI E O ZEPELIM”

Juliana Silva Dunder

Danielle Marinho Brasil

Francisco Diógenes Freires Ferreira

Dandara Kymberly Felismino de Sales Nunes

Anne Katharine Galdino da Nóbrega

Faculdades Integradas de Patos

julianadunder@hotmail.com

RESUMO: O presente ensaio tem como mote abordar assuntos pertinentes à temática de gênero, baseando-se principalmente na música de Chico Buarque, Geni e o Zepelim. Nesse sentido, em breve síntese, a música relata a vida de uma personagem que é a protagonista da história. A narrativa é feita de antagonismos; hora é tida como uma anomalia no meio social e hora é aclamada como uma verdadeira heroína. Genival ou apenas Geni é uma travesti que majoritariamente se relaciona com os excluídos e excluídas da sociedade, com a exceção do capitão do Zepelim que chega à cidade exige uma noite com a formosa dama. Nas linhas que se seguem, tentar-se-á relacionar a história musicada com estudos ligados às questões de gênero.

PALAVRAS CHAVES: Interpretação musical; Gênero; Geni e o Zepelim; Chico Buarque.

INTRODUÇÃO

A música, uma das muitas ramificações que surgem a partir da arte, é uma forma de expressão cultural muito comum em todas as sociedades. Cada uma com suas particularidades, porém partem do mesmo pressuposto: a combinação de melodia, letra ou ambos.

A utilização de música como instrumento integrador entre a teoria e a prática vem sendo cada vez mais reconhecida como uma forma didática eficaz no aprendizado que ultrapassa as famosas condutas “decorebas”.

Dessa forma, faz-se importante apresentar questões relacionadas a estrutura do material que se abordará no decorrer desses escritos.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Sendo assim, é importante frisar que essa obra é conhecida como um dos mais famosos e importantes sucessos do cantor brasileiro Chico Buarque. A canção “Geni e o Zepelim” se insere como parte de um projeto denominado Ópera do Malandro. Trata-se de uma peça brasileira, adaptada e com influência direta das obras de John Gay, Ópera dos mendigos em 1728 e na Ópera de três vinténs em 1928, de Bertolt Brecht e Kurt Weill, caracterizadas pelo estranhamento¹, que segundo Sueli Regina Leone (2004, p. 23) “é um termo, criado pelos formalistas russos, para designar tudo aquilo que aparece na obra e não era previsto. Em outras palavras, tudo o que o texto provoca de surpresa, por apresentar algo estranho em relação ao esperado.”

Posto isso, o trabalho em questão visa compreender as relações de gênero, ademais, abordar os olhares sociais que debruçam sobre aqueles que são considerados “estranhos” com relação aos padrões socialmente estabelecidos como normais.

METODOLOGIA

Será utilizado no presente artigo o método hipotético-dedutivo, ou seja, descrevendo de acordo com os conhecimentos disponíveis acerca do tema, explicitando os problemas existentes nas questões expostas.

Quanto à forma de caracterização da pesquisa sobre o objeto, será voltada no método de pesquisa bibliográfica, tomando por base materiais já elaborados, como revistas, livros, artigos científicos e etc.

Em relação às técnicas de pesquisa, também será utilizado o método da documentação indireta, que envolve pesquisa documental e bibliográfica.

RESULTADOS E DISCUÇÕES

Gênero & geni

¹ “Poder-se-ia dizer que a Ópera do mendigo, a Ópera dos três vinténs e a Ópera do malandro são óperas diferentes caracterizadas pelo estranhamento. Estranhamento também causa o herói-bandido ou o anti-herói. E continua sendo sentido no ambiente de criminalidade, roubos, prostituição, mendicância, corrupção. Em suma, o estranhamento remete-nos à caracterização dos três textos dramáticos como sendo uma grande farsa.” (LEONE, Sueli Regina. Cadernos de Pós-graduação em Letras: **Três óperas às avessas: elos intertextuais**. São Paulo: Mackenzie, v.3, n. 1, p. 13-24, 2004)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Antes de se iniciar a construção textual que justifica e relaciona questões de gênero com os elementos contidos na narrativa, faz-se necessária a observação na íntegra da narrativa, conforme exposto a seguir:

Geni e o Zepelim

De tudo que é nego torto
Do mangue e do cais do porto
Ela já foi namorada
O seu corpo é dos errantes
Dos cegos, dos retirantes
É de quem não tem mais nada
Dá-se assim desde menina
Na garagem, na cantina
Atrás do tanque, no mato
É a rainha dos detentos
Das loucas, dos lazarentos
Dos moleques do internato
E também vai amiúde
Com os velhinhos sem saúde
E as viúvas sem porvir
Ela é um poço de bondade
E é por isso que a cidade
Vive sempre a repetir
Joga pedra na Geni!
Joga pedra na Geni!
Ela é feita pra apanhar!
Ela é boa de cuspir!
Ela dá pra qualquer um!
Maldita Geni!
Um dia surgiu, brilhante
Entre as nuvens, flutuante
Um enorme zepelim
Pairou sobre os edifícios
Abriu dois mil orifícios
Com dois mil canhões assim
A cidade apavorada
Se quedou paralisada
Pronta pra virar geleia
Mas do zepelim gigante
Desceu o seu comandante
Dizendo: "Mudei de ideia!"



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Quando vi nesta cidade
Tanto horror e iniquidade
Resolvi tudo explodir
Mas posso evitar o drama
Se aquela formosa dama
Esta noite me servir
Essa dama era Geni!
Mas não pode ser Geni!
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni!
Mas de fato, logo ela
Tão coitada e tão singela
Cativara o forasteiro
O guerreiro tão vistoso
Tão temido e poderoso
Era dela, prisioneiro
Acontece que a donzela
(E isso era segredo dela)
Também tinha seus caprichos
E ao deitar com homem tão nobre
Tão cheirando a brilho e a cobre
Preferia amar com os bichos
Ao ouvir tal heresia
A cidade em romaria
Foi beijar a sua mão
O prefeito de joelhos
O bispo de olhos vermelhos
E o banqueiro com um milhão
Vai com ele, vai, Geni!
Vai com ele, vai, Geni!
Você pode nos salvar
Você vai nos redimir
Você dá pra qualquer um
Bendita Geni!
Foram tantos os pedidos
Tão sinceros, tão sentidos
Que ela dominou seu asco
Nessa noite lancinante
Entregou-se a tal amante
Como quem dá-se ao carrasco
Ele fez tanta sujeira
Lambuzou-se a noite inteira
Até ficar saciado
E nem bem amanhecia



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Partiu numa nuvem fria
Com seu zepelim prateado
Num suspiro aliviado
Ela se virou de lado
E tentou até sorrir
Mas logo raiou o dia
E a cidade em cantoria
Não deixou ela dormir
Joga pedra na Geni!
Joga bosta na Geni!
Ela é feita pra apanhar!
Ela é boa de cuspir!
Ela dá pra qualquer um!
Maldita Geni!
Joga pedra na Geni!
Joga bosta na Geni!
Ela é feita pra apanhar!
Ela é boa de cuspir!
Ela dá pra qualquer um!
Maldita Geni!

Com as devidas apresentações feitas, é de se suscitar a tamanha sensibilidade de Chico Buarque. Apesar de não estar explícito a travestilidade de Geni, o que pode ser compreendido considerando o período em que a música fora criada, período este marcado pela censura por parte do regime que vigorava a época, o regime militar. Nesse sentido, o compositor referencia a canção inteira por “ela”, já que o seu gênero é feminino, uma vez que o sexo de Geni, baseando-se no fator biológico é masculino.

Dessa forma, gênero na definição de Joan Scott (1996, p.21):

Minha definição de gênero tem duas partes e várias sub-partes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser analiticamente distintas. O núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.

Conforme as lições descritas acima, a referida autora divide a definição de gênero em duas partes. A primeira delas aborda que a construção do gênero é feita a partir de uma



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

dinâmica nas relações sociais, sendo estas percebidas através dos sexos, estabelecendo-se por relações de poder, tratando-se da segunda parte da conceituação de Scott.

As relações de poder hierarquizam um ser enquanto subordinam outros. A história encarrega-se de contar que para os homens essa é uma construção de superioridade, quando que para as mulheres é uma construção de sujeição. Nesse contexto, inserem-se também aqueles que contrariam os padrões socialmente estabelecidos, aqueles que ousam ser quem verdadeiramente são como Geni. A passagem que diz: “dá-se assim desde menina” deixa claro que já nos primeiros anos de vida se comporta como menina.

Em consonância com a autora supramencionada, Judith Butler coloca que as efetivações do gênero só se tornam reais quando coincidem com os padrões já reconhecidos pela sociedade. (BUTLER, 2003, p.37). Esse padrão é abordado como “gêneros intelegíveis”.

Dessa forma, Judith Butler (2003, p. 38) aduz:

São aquele que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, práticas sexuais e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas casuais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a ‘expressão’ ou ‘feito’ de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual.

A inteligibilidade ora exposta é de fundamental importância para trazer a tona questões que dizem respeito a construção de identidade, bem como a noção de pessoa, principalmente, àquelas que não se conformam com as normas culturalmente impostas, as quais, definem e rotulam as pessoas que fogem dos padrões construídos nas sociedades, sendo tido como atípicos como a protagonista da narrativa exposta.

Por sua vez, isto implica também em sanções sociais das mais variadas possíveis. Observando a proposta dessa comunicação, que visa compreender os embates sociais contidos na narrativa com relação à sua recusa social em confronto direto do apogeu, simbolizam que



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

quando há interesses sociais envolvidos os quadros se invertem sem problemas, o que assunto a ser discorrido no próximo tópico.

A sociedade e o travestismo

O atual contexto social exclui e marginaliza àqueles que não se enquadram no padrão heteronormativo quase que compulsoriamente imposto. As sanções sociais são das mais diversas; desde a ignorância com o ser humano até os mais altos comportamentos violentos que muitas vezes resulta no óbito.

Esse contexto é visível no comportamento de desprezo da sociedade com a protagonista da história, no fragmento “Joga pedra na Geni!/Joga pedra na Geni!/Ela é feita pra apanhar!/Ela é boa de cuspir!/Ela dá pra qualquer um!/Maldita Geni!”.

A discriminação social parte de um discurso que exclui e impõe condutas morais a serem seguidas, havendo assim um embate ideológico, principalmente nos valores que se transformam e renovam a sociedade.

A respeito deste ponto, Luciane de Paula e Marina Haber de Figueiredo (2010, p.6) lecionam:

O embate ideológico entre os sujeitos narrados em “Geni e o Zepelim” é apresentado pelas vozes orquestradas pelo narrador do texto. A voz de Geni, pelo que vimos desde sua apresentação (na primeira estrofe da canção), reflete e ecoa as vozes daqueles que se encontram à margem da sociedade.

A voz de Geni é invisível, mas ela não. Ela é mal vista, hostilizada e é tida apenas como a dama dos errantes, dos excluídos do miolo seletivo da sociedade. É ignorada, maltratada, considerada uma anomalia social.

Até aí não há novidades, é isso infelizmente que presenciamos no meio social. Até que com o surgimento de uma ameaça, Geni passa de uma ameaça maldita para uma bendita



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

salvação. É desse discurso se pretende criticar, a utopia de uma sociedade justa. É sobre isso que Michel Foucault (1998, p.58) comenta:

Estamos bem longe de uma forma de austeridade que tenta a sujeitar todos os indivíduos da mesma forma, os mais orgulhosos como os mais humildes, sob uma lei universal, da qual apenas a aplicação poderia ser modulada pela instauração de uma casuística.

Muito impressiona as escritas de Foucault, no sentido de que suas palavras não foram ultrapassadas pelo tempo. Têm-se fontes normativas que promovem a igualdade e protegem a dignidade do ser humano, mas se tornam insuficientes para sua verdadeira efetivação. Em sua forma existe, mas em sua materialidade não.

Na canção Geni vive o seu apogeu. A chegada de um Zepelim² comandado por um homem que enxergou verdadeiramente a sociedade que ali habitava, traduzida neste fragmento: “Quando vi nesta cidade/Tanto horror e iniquidade/Resolvi tudo explodir” incorreu em uma inversão de valores, baseada na necessidade clamada em forma de “romaria”, clamando a ajuda de Geni.

As vozes das representações sociais impressas nesse trecho “O prefeito de joelhos/O bispo de olhos vermelhos/E o banqueiro com um milhão” traduzem a subversão na virada irônica acerca do papel de uma excluída da sociedade que agora pode ser vista como alguém de valor, desconstruindo a moral socialmente, meio que “compulsoriamente impostos”.

Sobre esta questão, Luciane de Paula e Marina Haber de Figueiredo (2010, p.6) aduzem:

O embate ideológico entre os sujeitos narrados em “Geni e o Zepelim” é apresentado pelas vozes orquestradas pelo narrador do texto. A voz de Geni, pelo que vimos desde sua apresentação (na primeira estrofe da canção), reflete e ecoa as vozes daqueles que se encontram à margem da sociedade. Já os discursos do prefeito, do bispo e do banqueiro (na quarta estrofe) representam os discursos de algumas das esferas de atividade (os poderes político, religioso e econômico figurativizados pelos sujeitos citados -

² Grande dirigível rígido de construção alemã, com carcaça metálica, usado para travessias do Atlântico na década de 1930. "zepelim", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/zepelim> [consultado em 09-04-2015].



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

prefeito, bispo e banqueiro – , respectivamente) que, de um lado, comandam os vieses normativos do discurso oficial e, de outro, são dominados pelo poder do comandante, símbolo do Estado (o poder militar – soberano e inquestionável nos anos 70, mas relativizado por meio da ironia da canção que o coloca à mercê das vontades de uma travesti, a Geni). Por fim, o discurso da cidade, em coro e romaria, reflete e refrata a voz hegemônica dos três poderes citados. Em outras palavras, de maneira estética, o diálogo entre os sujeitos se estrutura, de maneira hierárquica (ainda que essa hierarquia seja invertida via ironia existente e predominante no discurso verbal da canção). Esse diálogo ocorre pela representação das vozes sociais simbolizadas pelos sujeitos narrados e essas relações revelam e refratam valores ideológicos e poder.

O embate ideológico deixa explícita a mudança no contexto social e marca como a aceitação de pessoas que diferem dos padrões estabelecidos como normais se torna compreensível quando os papéis sociais são invertidos, ou seja, quando aquela que vive às margens do meio social é chamada a fazer parte do centro, há a quebra de paradigmas antes tidos como inquebráveis.

O que acontece frequentemente é que esta é uma ideia descartável. Após completar o que era do interesse de todos, a sociedade automaticamente volta ao *status quo* da situação, uma vez que já não há mais o interesse. É isso o que a canção reflete.

Após cumprir com a sua missão de satisfazer o capitão, Geni volta ser hostilizada e a cidade não vê mais utilidade em tratá-la, pelo menos, com dignidade. Nas palavras Luciane de Paula e Marina Haber de Figueiredo (2011, p.7):

Essa estrutura mostra uma aparente mudança na voz da cidade. Mudança hipócrita e interesseira bem marcada pelos três refrões existentes na canção, que carregam traços de mudança: no primeiro, ela é apedrejada, pois “Maldita”; no segundo, aclamada como salvadora e redentora; no terceiro, Geni não apenas volta a ser apedrejada, como é grotescamente apedrejada. A presença do lexema “bosta” no ato de apedrejamento denota a total desconsideração, banalização, exclusão e abuso da cidade com a heroína.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Extraí-se dessa situação que a sociedade reconhece a pessoa de Geni como um ser humano apenas quando há conveniência e jogo de interesses que sobrepõem a opinião popular em detrimento da necessidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando tudo que foi brevemente exposto, conclui-se que a sociedade de modo geral não resiste em aceitar os padrões que diferem dos estabelecidos quando há a necessidade e o interesse na pessoa que é excluída.

As pessoas que não se enquadram nos estereótipos compulsoriamente impostos pelo modelo social são marginalizadas e excluídas. Geni vive a narrativa quase que na íntegra ocupando este espaço. Observa-se que não houve resistência quando o preço da vida de todos estava na mão de uma travesti, invisibilizada e muitas vezes não considerada um ser humano.

E é assim que essa discussão invade a seara da realidade e gera a sensação de que quando há alguma vantagem, preconceitos e discriminações são superados sem grandes discussões ou debates.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II. Uso dos prazeres**. Rio de Janeiro, Graal, 1998.

LEONE, Sueli Regina. Cadernos de Pós-graduação em Letras: **Três óperas às avessas: eles intertextuais**. São Paulo: Mackenzie, v.3, n. 1, p. 13-24, 2004.

PAULA, Luciane de. FIGUEIREDO, Marina Haber de. **Geni, a Maria Madalena de Chico Buarque: aclamações e apedrejamentos na canção e no mundo, ontem e hoje**. Disponível em:

http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277836219_ARQUIVO_lucianedepaula.pdf Acesso em: Março 2015



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica.** 2 ed. Recife: SOS Corpo, 1996.